



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Questões que Norteiam a Geografia



Atena
Editora
Ano 2019

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Questões que Norteiam a Geografia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
Q5	Questões que norteiam a geografia [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-653-9 DOI 10.22533/at.ed.539192709 1. Geografia – Pesquisa – Brasil. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini. CDD 918.1
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea intitulada – “Questões que Norteiam a Geografia”, cujo título apresenta inúmeras possibilidades, e, sobretudo, provocações ao construirmos e desconstruirmos uma Geografia para o século XXI. Trata-se de uma leitura teórica e empírica oriunda de diferentes pesquisadores que dialogam com a arte de “sulear-se”, ou seja, constroem suas análises respaldadas em diferentes matrizes epistêmicas, valorizando o conhecimento desenvolvido horizontalmente e socialmente em diferentes instituições de ensino, pesquisa e extensão do Brasil.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento na área de Geografia em consonância com a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica.

A Coletânea está organizada a partir de diferentes enfoques temáticos, ou seja, reconhecendo as diferentes subáreas da Geografia, a saber: Geografia Agrária, Geografia Econômica, Geografia Urbana, Geografia Física, Planejamento Ambiental, Geotecnologias e Ensino de Geografia.

O Capítulo 1 - “A participação do Brasil na divisão internacional do trabalho e a reprimarização da pauta exportadora no período pós-2000” da pesquisadora Denise Leonardo Custodio Machado de Oliveira vinculada à Universidade Federal de Uberlândia, apresenta uma fecunda análise sobre a participação do Brasil na divisão internacional do trabalho, com ênfase ao período pós-2000, no qual se verifica um crescimento nas exportações de produtos primários, tais como os de origem agropecuária e agroindustrial. Trata-se de um ensaio sobre os reflexos na divisão territorial do trabalho.

O Capítulo 2 - “Ocupação, produção e transformações camponesas no território da Canastra” do pesquisador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira da Universidade Estadual de Montes Claros, apresenta um breve resgate histórico da formação do Parque Nacional da Serra da Canastra no sudoeste do estado de Minas Gerais a partir das implicações e disputas territoriais para os camponeses.

Já no Capítulo 3 – “Tendências atuais da agricultura familiar no município de Santa Maria-RS”, dos pesquisadores Janete Webler Cancelier e Daiane Loreto de Vargas da Universidade Federal de Santa Maria, tecem um panorama da agricultura familiar no município de Santa Maria enfatizando as atividades que possibilitam a reprodução e a permanência dessas famílias no campo, concebendo esse processo como heterogêneo e diversificado.

No Capítulo 4 de autoria da pesquisa Cleusi Teresinha Bobato Stadler da Universidade Estadual de Ponta Grossa intitula-se: “Agrobiodiversidade - “sementes crioulas” - saberes e práticas em comunidades tradicionais do Paraná”, é apresentado uma importante discussão envolvendo a produção do conhecimento científico na Geografia a partir da decolonialidade. Dessa maneira, a autora apresenta algumas

práticas e territorialidades dos Faxinalenses, Quilombolas e Caiçaras materializadas na agrobiodiversidade das sementes crioulas.

Já no Capítulo 5 – “Invisibilidade e resistência das comunidades quilombolas em Corumbá- MS: estudo de caso na sub-região Paraguai do Pantanal” do pesquisador João Batista Alves de Souza do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, aborda-se uma leitura sobre a invisibilidade e resistência das Comunidades Quilombolas na Sub-Região Paraguai do Pantanal, enfatizando as relações de poder e produção territorial juntamente com relação sociedade e natureza nesses territórios.

Por fim, os capítulos 6 e 7 encerram os debates e envolve as análises oriundas da Geografia Agrária e Econômica, com os textos: “Agricultura irrigada e recursos hídricos: espacialização de pivô central no município de Paraúna, Goiás, Brasil”, de autoria dos pesquisadores Íria Oliveira Franco, Cleonice Batista Regis Soares e Frederico Augusto Guimarães Guilherme da Universidade Federal de Goiás; e “As determinações e impactos da cana-de-açúcar no interior paulista: um breve estudo das microrregiões de Araraquara e São Carlos”, dos pesquisadores Bruna Martins da Paixão e Renan Yamasaki Veiga Barros vinculados à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, que tratam respectivamente do sistema de irrigação com pivô central e a produtividade de culturas agrícolas no município de Paraúna-Goiás, cujos impactos e conflitos pelo uso da água seguem vigentes; e análise das determinações territoriais estabelecidas nas microrregiões de Araraquara e São Carlos no âmbito do desenvolvimento da agricultura no interior paulista, sobretudo, através da produção da cana-de-açúcar na composição hegemônica da produção de monocultivos e homogeneização das paisagens.

No Capítulo 8 - “A reconfiguração territorial e as políticas públicas do estado: o caso da cidade de Ouanaminthe (Haiti)” do pesquisador Guerby Sainté da Universidade Estadual de Campinas, o mesmo elabora uma análise sobre a reconfiguração territorial e as políticas públicas do Estado no caso da cidade de Ouanaminthe – Haiti em diálogo com os dilemas da gestão e na organização sociopolítica do Estado.

No Capítulo 9 - “Reestruturações urbanas e seus reflexos em cidades intermediárias nordestinas: metamorfoses e permanências socioespaciais” de autoria dos pesquisadores João Paulo Gomes de Vasconcelos Aragão, Bruna Garcia dos Santos, Matheus Teófilo Gomes e Lucas José Elias Bezerra dos Santos do Instituto Federal de Pernambuco, Universidade Federal da Paraíba e Instituto Federal da Paraíba, nota-se uma contribuição sobre os processos de reestruturação urbana no âmbito das cidades intermediárias à luz dos estudos sobre reestruturação urbana no Brasil.

Enquanto o Capítulo 10 - “A mobilidade urbana em questão: um olhar geográfico sobre Uruaçu-GO-2014” dos pesquisadores Gabriel Freitas Andrade e John Carlos Alves Ribeiro do Instituto Federal de Goiás, encerram as leituras sobre o quadro urbano enfatizando a mobilidade urbana a partir dos eventos esportivos realizados no

país e sua relação teórico-empírica com o município de Uruaçu em Goiás.

No capítulo 11- “Apropriação dos recursos naturais e reflexo na paisagem: o caso da microbacia do córrego água quente em rio quente-GO” dos pesquisadores Joel Cândido dos Reis e Rildo Aparecido Costa da Universidade Federal de Goiás, nota-se uma importante interpretação sobre as águas termais e apropriação dos recursos naturais pelo capital financeiro, tendo o turismo como um agente desse processo.

Já no Capítulo 12, os autores José Batista Siqueira, Fabrício Passos Fortes e Sanmy Silveira Lima vinculados à Universidade Federal de Sergipe, GEOFortes e Universidade Federal de Pernambuco apresentam a seguinte contribuição: “Geotecnologia aplicada à identificação de aspectos geológicos e espeleológicos do município de Simão Dias, Sergipe/Brasil”, que discute os aspectos geológicos e espeleológicos da porção Sergipana do domínio Vaza Barris, localizada no município de Simão Dias obtidos através de técnicas de geotecnologias, revisão de literatura, processamento de imagens, e trabalhos de campo.

No capítulo 13 – “Análise preliminar de estudos relacionados à região do Jalapão – TO/PI/BA/MA”, dos pesquisadores Joeslan Rocha Lima e Claudiomar da Cruz Martins da Universidade Federal do Tocantins, apresentam uma fecunda reflexão sobre a preservação ambiental a partir do mosaico de unidades de conservação na região do Jalapão.

Nos dois últimos capítulos da Coletânea, o debate sobre o Ensino da Geografia é enfatizado em contribuições atualíssimas. O Capítulo 14 intitulado “Aproximações entre a Geografia Escolar e a Neurociência: o raciocínio geográfico na BNCC”, dos pesquisadores Juliano Pereira de Mello e Antônio Carlos Vitte da Universidade Estadual de Campinas faz um panorama da Base Nacional Comum Curricular relacionando-a ao ensino geográfico a partir dos conceitos de Pensamento Espacial, Raciocínio Geográfico e Conhecimento Geográfico. Nesse devir, os autores tecem alguns diálogos e contribuições sobre a Neurociência aplicada à educação, qualificando o trabalho pedagógico no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo, na construção do Currículo para a Educação Básica.

Por fim, o Capítulo 15 - “Formação de professores: o incentivo à prática docente através da musicalização da Geografia” dos pesquisadores Mônica Hellen Ribeiro Cardoso e Daniel Mallmann Vallerius da Universidade Federal do Pará, os autores debatem as contribuições de música e suas práticas na formação do Professor de Geografia a partir das atividades do Laboratório de Práticas de Ensino de Geografia UFPA (LabPrat), campus de Altamira- Pará. Trata-se, portanto, de uma prática refletiva para construção de dispositivos didáticos para os futuros professores de Geografia recriarem nas suas aulas na Educação Básica.

Esperamos que as análises publicadas nessa Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates geográficos para desvendar os caminhos e descaminhos da realidade brasileira, latino-americano e mundial.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Montes Claros-MG
Agosto de 2019.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO E A REPRIMARIZAÇÃO DA PAUTA EXPORTADORA NO PERÍODO PÓS-2000	
Denise Leonardo Custodio Machado de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5391927091	
CAPÍTULO 2	12
OCUPAÇÃO, PRODUÇÃO E TRANSFORMAÇÕES CAMPONESAS NO TERRITÓRIO DA CANASTRA	
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.5391927092	
CAPÍTULO 3	29
TENDÊNCIAS ATUAIS DA AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	
Janete Webler Cancelier	
Daiane Loreto de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.5391927093	
CAPÍTULO 4	44
AGROBIODIVERSIDADE - “SEMENTES CRIOULAS” - SABERES E PRÁTICAS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PARANÁ	
Cleusi Teresinha Bobato Stadler	
DOI 10.22533/at.ed.5391927094	
CAPÍTULO 5	55
INVISIBILIDADE E RESISTÊNCIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM CORUMBÁ- MS: ESTUDO DE CASO NA SUB-REGIÃO PARAGUAI DO PANTANAL	
João Batista Alves de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5391927095	
CAPÍTULO 6	69
AGRICULTURA IRRIGADA E RECURSOS HÍDRICOS: ESPACIALIZAÇÃO DE PIVÔ CENTRAL NO MUNICÍPIO DE PARAÚNA, GOIÁS, BRASIL	
Íria Oliveira Franco	
Cleonice Batista Regis Soares	
Frederico Augusto Guimarães Guilherme	
DOI 10.22533/at.ed.5391927096	
CAPÍTULO 7	83
AS DETERMINAÇÕES E IMPACTOS DA CANA-DE-AÇÚCAR NO INTERIOR PAULISTA: UM BREVE ESTUDO DAS MICRORREGIÕES DE ARARAQUARA E SÃO CARLOS	
Bruna Martins da Paixão	
Renan Yamasaki Veiga Barros	
DOI 10.22533/at.ed.5391927097	
CAPÍTULO 8	94
A RECONFIGURAÇÃO TERRITORIAL E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DO ESTADO: O CASO DA CIDADE DE OUANAMINTHE (HAITI)	
Guerby Sainté	
DOI 10.22533/at.ed.5391927098	

CAPÍTULO 9	106
REESTRUTURAÇÕES URBANAS E SEUS REFLEXOS EM CIDADES INTERMEDIÁRIAS NORDESTINAS: METAMORFOSES E PERMANÊNCIAS SOCIOESPACIAIS	
João Paulo Gomes de Vasconcelos Aragão	
Bruna Garcia dos Santos	
Matheus Teófilo Gomes	
Lucas José Elias Bezerra dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5391927099	
CAPÍTULO 10	126
A MOBILIDADE URBANA EM QUESTÃO: UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE URUAÇU-GO-2014	
Gabriel Freitas Andrade	
John Carlos Alves Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.53919270910	
CAPÍTULO 11	140
A PROPRIAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS E REFLEXO NA PAISAGEM: O CASO DA MICROBACIA DO CÓRREGO AGUA QUENTE EM RIO QUENTE-GO	
Joel Cândido dos Reis	
Rildo Aparecido Costa	
DOI 10.22533/at.ed.53919270911	
CAPÍTULO 12	151
GEOTECNOLOGIA APLICADA À IDENTIFICAÇÃO DE ASPECTOS GEOLÓGICOS E ESPELEOLÓGICOS DO MUNICÍPIO DE SIMÃO DIAS, SERGIPE/BRASIL	
José Batista Siqueira	
Fabrício Passos Fortes	
Sanmy Silveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.53919270912	
CAPÍTULO 13	163
ANÁLISE PRELIMINAR DE ESTUDOS RELACIONADOS À REGIÃO DO JALAPÃO – TO/PI/BA/MA	
Joeslan Rocha Lima	
Claudiomar da Cruz Martins	
DOI 10.22533/at.ed.53919270913	
CAPÍTULO 14	174
APROXIMAÇÕES ENTRE A GEOGRAFIA ESCOLAR E A NEUROCIÊNCIA: O RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA BNCC	
Juliano Pereira de Mello	
Antônio Carlos Vitte	
DOI 10.22533/at.ed.53919270914	
CAPÍTULO 15	186
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O INCENTIVO À PRÁTICA DOCENTE ATRAVÉS DA MUSICALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA	
Mônica Hellen Ribeiro Cardoso	
Daniel Mallmann Vallerius	
Francisco Fernandes Ladeira	
DOI 10.22533/at.ed.53919270915	
SOBRE O ORGANIZADOR	194
ÍNDICE REMISSIVO	195

ANÁLISE PRELIMINAR DE ESTUDOS RELACIONADOS À REGIÃO DO JALAPÃO – TO/PI/ BA/MA

Joeslan Rocha Lima

Universidade Federal do Tocantins, Porto
Nacional – Tocantins

Claudiomar da Cruz Martins

Universidade Federal do Tocantins, Porto
Nacional - Tocantins

refere à relação homem x natureza.

PRELIMINARY ANALYSIS OF STUDIES
RELATED TO THE JALAPAN REGION - TO /
PI / BA / MA

RESUMO: A Região do Jalapão tem se tornado centro de importantes discussões ligadas à preservação ambiental. O mosaico formado pelas unidades de conservação é conhecido, princípio, pelas paisagens e natureza distintas. Apesar do aumento de estudos científicos sobre o Jalapão, principalmente nos últimos anos, persistem muitas divergências acerca de uma caracterização precisa dos aspectos físicos e sociais. Este trabalho tem como objetivo apresentar, sucintamente, a temática de algumas pesquisas relacionadas ao Jalapão. Tal análise surgiu a partir de algumas aulas campo nos anos de 2009 a 2013 em parte do Jalapão, como conteúdo de disciplinas dos cursos de Graduação e Pós- Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Foi possível inferir que há consenso entre os pesquisadores de que o Jalapão pode ter vários significados num contexto de “região” e que o mesmo aspira cuidados no tocante a estudos totalizadores, pois trata-se de um mosaico bem complexo no que se

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento,
preservação, ecologia, cerrado.



Vista panorâmica de uma das paisagens mais conhecidas da parte tocantinense do Jalapão: Serra do Espírito Santo. (10° 34' 14" S/46° 40' 06" O).Fonte: Júnio Batista.

1 | INTRODUÇÃO

No Brasil, tratar questões ambientais na interface de políticas econômicas que fomentam o super consumo não tem sido tarefa simples, manter os processos exploratórios tão intensos significa dar continuidade à pressão

sobre os recursos naturais e, por consequência, gerar graves desequilíbrios com risco de extinção de muitas espécies, sobretudo as que habitam biomas frágeis como o cerrado, por exemplo. Tabalhar tais questões em áreas tidas com “fronteira agrícola” é mais difícil ainda, em especial porque trata-se de um conflito entre a lógica capitalista *versus* a limitação dos recursos naturais.

O modo atual como o ser humano lida com o meio ambiente se apresenta em ações bem desfavoráveis à natureza viva, mas esta relação não é fato novo, visto que trata-se de um processo anterior cujo termo “atual” se refere apenas à intensificação desta conduta exploratória. Certo que na velocidade com que exploramos nossos recursos a tendência é que os stresses ambientais possam nos atingir, cada vez mais e com maior intensidade.

Embora seja lógico esse efeito, as atitudes que contrapõem a esse desencadeamento ainda são bem tímidas. De qualquer modo, reflexões que buscam propor um novo olhar para o ambiente do qual participamos, podem ser decisivas para mudanças em nosso modo de agir e para o surgimento de uma sociedade com hábitos ambientais mais conservadores.

De principio temos que o Jalapão pode ser referido a várias regiões num só território. Raffestin (1993) especifica que qualquer construção social tem por base o espaço, assim, ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, tem-se “territorialização” do espaço. Santos (2002) propõe que acontecimentos externos agem na formação do território e até influenciam nas configurações econômicas, políticas e sociais. As pesquisas que citam este “território” nos impulsionam a uma análise regional, sem querer uma proposição definitiva da totalidade da diversidade do lugar. Além de permitir uma leitura interessante a cerca de processos históricos que marcaram os avanços sociais da parte central do Brasil, principalmente a partir do século XX.

Os estudos sobre o Jalapão remetem a períodos anteriores aos da divisão política atual do Brasil e a uma ciência bem menos sofisticada, tanto em materiais, quanto em métodos. Acessar as informações de trabalhos como os do Engenheiro Gilvandro Simas Pereira de 1942 e 1943 que, apesar de serem trabalhos simples, são importantes para o campo geográfico, sobretudo por suas caracterizações e descrições. Quanto às imprecisões nas informações, muitas perduram até hoje. Nas últimas décadas o Jalapão se tornou berço de várias pesquisas acadêmicas, com destaque para as temáticas ligadas ao meio ambiente e com emprego de ferramentas bem mais precisas na construção das análises.

Passando por alguns trabalhos que objetivam compreender os potenciais da Região do Jalapão, principalmente nas questões ecológicas, buscaremos analisar as reais características dessa Região tida como impar, que se localiza no centro-leste do estado de Tocantins. Dando ênfase aos conflitos territoriais e sociais frente à necessidade de proteger e melhorar a dinâmica ambiental mantendo assim a fluidez dos recursos naturais. Para tanto, além da revisão bibliográfica, serão considerados todos

os conhecimentos adquiridos nas aulas de campo do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, realizadas neste objeto de estudo.

2 | CONTEXTOS PARA UMA POSSÍVEL CARACTERIZAÇÃO

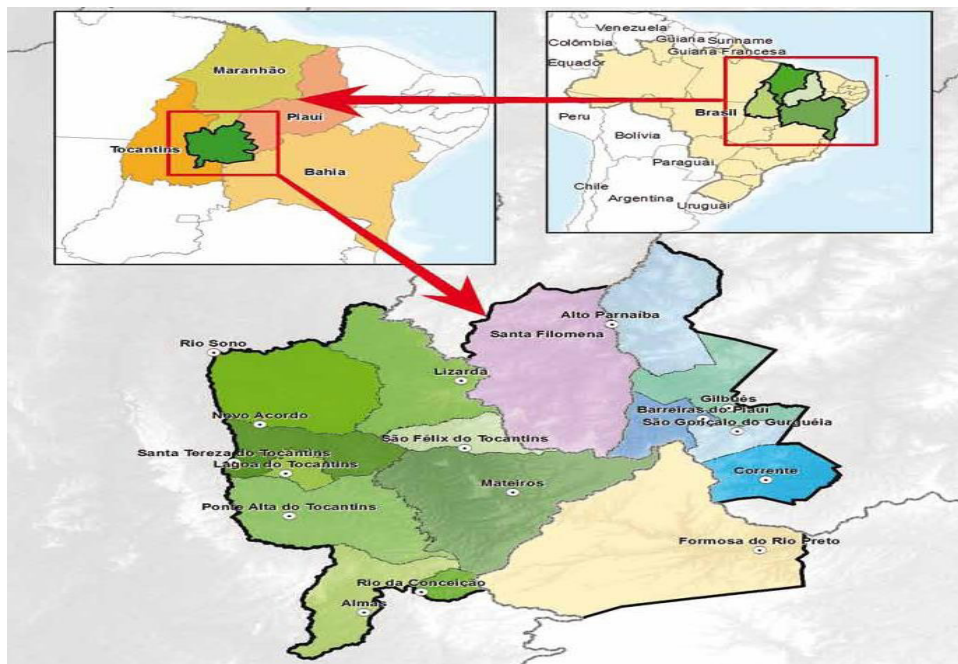


Fig. 01: Mapa de localização da Região do Jalapão

Fonte: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) – 2011.

As diferentes definições acerca do todo que o Jalapão representa, é um dos maiores entraves para o desenvolvimento da Região em todas as suas faces, para não dizer das “regiões”. Contudo não podemos afirmar que se trata de um objeto desconhecido, afinal os processos sociais que aí acontecem remontam ao Brasil colônia, onde Von Behr (2004) diz que sua ocupação, foi consolidada em meados do século XIX, principalmente por migrantes do Nordeste brasileiro e teve como grande motivador a pecuária, sobretudo porque era rota de passagem de gado. Quanto às fronteiras estaduais do Jalapão, mesmo com a intervenção de órgãos federais, nunca houve definição conclusiva. Neste sentido Pereira (1943) diz que:

[...] toda a região a ser estudada englobaria [...] divisas entre os Estados de Bahia, Goiás, Piauí e Maranhão, inclusive a verificação do ponto de convergência das linhas [...]. A convergência das linhas territoriais dos estados causavam confusões até pouco tempo, quando o exército elaborou um estudo definitivo para a demarcação. (PEREIRA, 1943, p. 53)

Atualmente os conflitos de demarcação de divisas são alimentados pelos agentes políticos dos Estados fronteiriços na Região, onde o maior interesse é o grande desenvolvimento econômico mantido pelas monoculturas de soja, algodão e milho.

O Jalapão, conforme mapa acima (fig. 01) tem sua área central marcada pelas divisas entre quatro Estados da federação: Tocantins, Piauí, Bahia e Maranhão.

Além de conter, em suas dimensões territoriais, alguns núcleos urbanos a Região também comporta importantes recortes destinados à preservação ambiental, mesmo contexto territorial encontra-se núcleos rurais para produção, sobretudo de soja, milho e algodão, em grande escala.

A parte tocantinense da Região do Jalapão está localizada na porção leste do Estado, fazendo limite com os Estados da Bahia, do Piauí e do Maranhão, considerada a partir das escarpas e rios afluentes que nascem na Chapada das Mangabeiras, como o Rio do Sono, que drena em direção à Região (sentido leste-oeste), é ai que está a maior área de Jalapão comparando essa porção com as dos outros três Estados (TOCANTINS, 2012). Os mapas antigos também chamavam de Jalapão a Chapada das Mangabeiras (VAN BERH, 2004). O quadro (fig. 02) apresenta quais municípios fazem parte da Região do Jalapão.

Municípios da Área Alvo	UF	Pop. (2000)	Pop. (2010)	% Total (2010)	% Decênio 2000 - 2010	Pop. Urbana (2010)	Pop. Rural (2010)	Homens (2010)	Mulheres (2010)
Formosa do Rio Preto	BA	16.818	22.528	18,59%	33,95%	60,58%	39,42%	51,76%	48,24%
Alto Parnaíba	MA	10.666	10.766	8,88%	0,94%	65,28%	34,72%	50,79%	49,21%
Barreiras do Piauí	PI	3.039	3.234	2,67%	6,42%	57,98%	42,02%	52,26%	47,74%
Corrente		20.462	25.407	20,97%	24,17%	61,77%	38,23%	50,55%	49,45%
Gilbués		10.783	10.402	8,58%	-3,53%	57,59%	42,41%	50,12%	49,88%
Santa Filomena		5.867	6.096	5,03%	3,90%	58,14%	41,86%	52,77%	47,23%
São Gonçalo do Gurguéia		2.469	2.825	2,33%	14,42%	43,15%	56,85%	51,82%	48,18%
Almas	TO	7.926	7.586	6,26%	-4,29%	79,21%	20,79%	52,27%	47,73%
Lagoa do Tocantins		3.279	3.525	2,91%	7,50%	72,00%	28,00%	51,91%	48,09%
Lizarda		4.022	3.725	3,07%	-7,38%	69,34%	30,66%	53,88%	46,12%
Mateiros		1.866	2.223	1,83%	19,13%	63,74%	36,26%	53,40%	46,60%
Novo Acordo		3.548	3.762	3,10%	6,03%	81,95%	18,05%	51,06%	48,94%
Ponte Alta do Tocantins		6.731	7.180	5,92%	6,67%	63,05%	36,95%	54,03%	45,97%
Rio da Conceição		1.296	1.714	1,41%	32,25%	91,83%	8,17%	51,69%	48,31%
Rio Sono		5.740	6.254	5,16%	8,95%	38,49%	61,51%	54,03%	45,97%
Santa Tereza do Tocantins		2.699	2.523	2,08%	-6,52%	64,05%	35,95%	53,07%	46,93%
São Félix do Tocantins		1.446	1.437	1,19%	-0,62%	64,79%	35,21%	53,58%	46,42%
Área Alvo (totais e médias)		108.657,00	121.187,00	1,00	11,53%	64,29%	35,71%	52,29%	47,71%

Fig. 02: Municípios que fazem parte do Mosaico Jalapão

Fonte: ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) – 2011.

De acordo com Tocantins (2012), a área de estudo está inserida no Domínio do Cerrado, sua geomorfologia é representada pela Depressão do Médio Tocantins a oeste, Patamares das Mangabeiras e Chapadão Ocidental Baiano, Cabeceiras do Parnaíba e Chapada das Mangabeiras na borda leste da Região, com solos presentes em bacias sedimentares das eras Páleo-Mesozóicas e Meso-Cenozóicas. A região apresenta formas correspondentes a superfícies planas, em formas de chapadas, cujas continuidades são interrompidas por escarpas que localmente recebem a denominação de serras (SANTOS 2008). Sobre o chapadão baiano, Pereira (1942) explica:

...ao atravessarmos este trecho do território da Baía, vimos e sentimos, verdadeiramente, o que são os vastíssimos chapadões do planalto central do Brasil: terrenos quase que absolutamente planos, sem vegetação de alto porte,

onde apenas se desenvolve uma gramínea de pequena altura e onde qualquer avião pode aterrar com a máxima segurança. Anda-se de automóvel por este enorme “mar de terra” em qualquer direção. Sua planura e extensão são a perder de vista. (PEREIRA, 1942, p. 103)

Von Behr (2004) chama atenção para ocorrência dos morros-testemunhos - elevações que resistiram à erosão. Os processos de erosão provocados pelos ventos e pelas chuvas evoluem pelas condições muito frágeis das rochas, formando grandes depósitos de areias quartzosas.

A geologia da área é do período Cretáceo Superior, com a formação Itapecuru (mesma Urucuia), constituída quase exclusivamente por arenitos finos de cores diversas, predominando o cinza, róseo e vermelho, argilosos, com estratificação cruzadas e silicificações, principalmente no topo. Intercalam-se leitos de siltitos, folhelhos cinza esverdeados e avermelhados (SANTOS 2008).

No Jalapão há forte predominância de areias quartzosas no mapeamento dos solos, na ordem de 48,92%. O latossolo vermelho-amarelo segue com 23,38% e plintossolo pétrico perfaz 12,26%. As três tipologias somam mais de 70% da área, onde as areias quartzosas dominam de norte a sul uma larga faixa central, mais uma porção isolada a leste. A faixa mais estreita a leste está associada a feições de latossolo vermelho-amarelo, há uma fração de uma grande mancha de plintossolo pétrico localizada na porção esquerda da área alvo.

As areias quartzosas, ou neossolos quartzarênicos, são solos originados de depósitos arenosos, apresentando textura areia ou areia franca ao longo de pelo menos dois metros de profundidade, possuindo até 15% de argila na sua composição. São também constituídos essencialmente de grãos de quartzo, sendo praticamente destituídos de minerais primários, são pouco resistentes ao intemperismo.

Quanto a origem do solo arenoso no Jalapão propomos também uma analogia aos areais do sudeste do Rio Grande do Sul, região dos Pampas, com ênfase aos estudos de Suertegaray, 1988; Suertegaray e Nunes, 1991; Berte e Suertegaray, 1997 e Suertegaray *et al*, 2001, que apontam para processos de transformações geomorfológicas semelhantes, o que confirmaria a ocorrência, nos dois casos, de acontecimentos naturais.

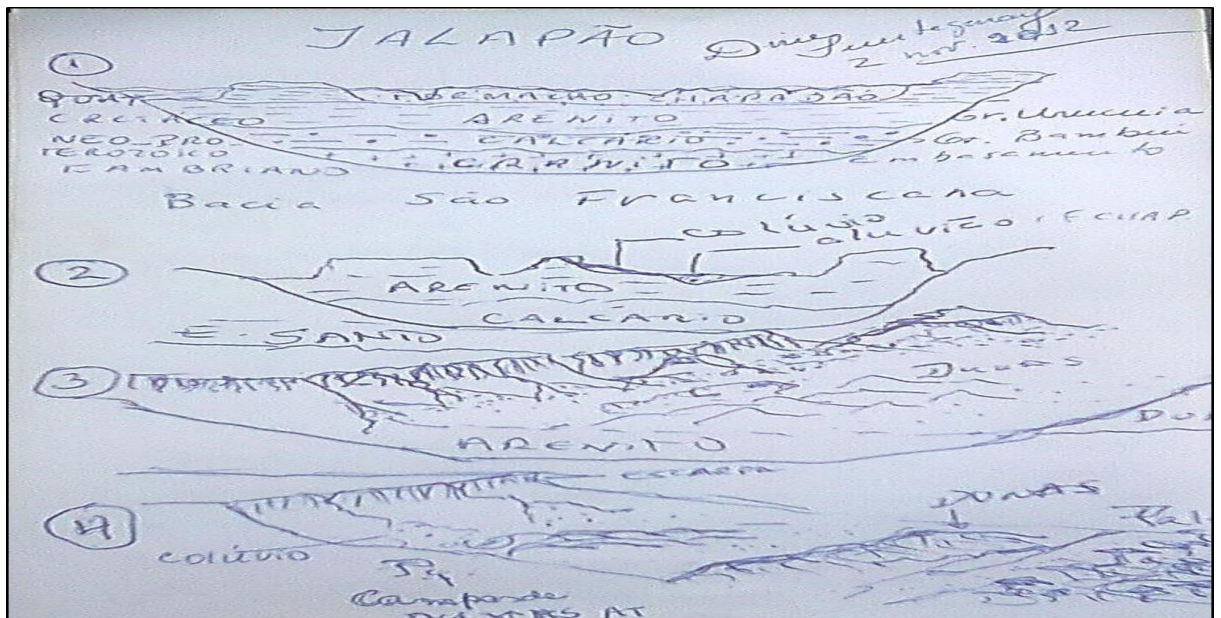


Fig. 03: Croqui de Análise Geomorfológica

Croqui de análise geomorfológica nas chapadas do Jalapão e a formação das dunas. Por Dirce Suertegaray, 2012.

No caso dos areais gaúchos, conforme os estudos citados, a vegetação está crescendo e recobrando o antigo deserto. No Jalapão, segundo análise in loco, as chapadas estão sendo erodidas e formando um solo muito arenoso, cuja dinâmica climática e geomorfológica não permite inferir a presença ou formação de um deserto, embora exista, em alguns trechos, a presença de dunas.

Segundo Mendes (2008), clima do Jalapão recebe a classificação de AW - Tropical de verão úmido e período de estiagem no inverno, de acordo com a Classificação de Köppen. A estiagem varia de 3 a 5 meses, sendo janeiro o mês mais chuvoso e agosto o mais seco. As temperaturas médias anuais na região variam entre 23°C e 26°C, sendo crescente no sentido do Sul para o Norte. As temperaturas máximas ocorrem em fins de setembro e começo de outubro e as mínimas em julho. A amplitude entre as médias das máximas e das mínimas é de aproximadamente 14°C.

A vegetação mais predominantemente na Região em questão é o cerrado. O cerrado constitui um tipo de vegetação que ocupa grande parte dos planaltos interiores da porção centro-oriental do continente sul-americano. É uma formação predominantemente continental, pois está separada do oceano por outros tipos de formações e contrasta vivamente com a floresta sem transição quase numa perfeita limitação linear (CHRISTOFOLLETTI, 1966; AB'SÁBER, 2003). Ab' Saber (1963) ressalta:

Nos interflúvios elevados dos chapadões, onde predominam formas topográficas planas e maciças, e solos pobres (latossolos e lateritas), parecem cerrados, cerradões e campestres, os quais via de regra descem até as bases das vertentes, cedendo lugar no fundo aluvial dos vales às florestas galerias, em geral largas e contínuas. Nesse mosaico ordenado de vegetações sub-estépicas e de vegetação floresta tropical, cada componente oposto tem sua posição exata na topografia, na

Os cerrados limpos e sujos ocupam terrenos demasiadamente planos, apresentando-se as espécies arbóreas com variações de estatura, curvaturas indefinidas, impregnando extensas áreas com seus arbustos e gramíneas, contrastando com a formação cerradão que ocupa áreas em que as características edáficas permitem um maior adensamento.

Verdadeiras florestas desenvolvem-se as margens de rios e córregos, perenes, serpenteando por grandes distâncias, cumprindo o papel de proteção, prevenindo o assoreamento. O ritmo sazonal das estações alterna o ápice e o declínio do acúmulo da biomassa, que anualmente são pulverizadas pela, também sazonal, ação do fogo, que imprime severo castigo as formações vegetais e, conseqüentemente, aos seres que dependem destas.

Além do bioma cerrado, ressaltamos a presença do sub-bioma de veredas que de acordo com Ribeiro e Walter(1998), trata-se de uma fitofisionomia com presença da palmeira arbórea *Mauritia flexuosa* ou *Mauritia vinifera* emergente, em meio a agrupamentos mais ou menos densos de espécies arbustivo-herbáceas.

As Veredas são circundadas por campo limpo, geralmente úmido, e os buritis não formam dossel como ocorre no Buritizal, caracterizando-se por altura média de doze a quinze metros e a cobertura varia de 5% a 10%. São encontradas em solos hidromórficos, saturados durante a maior parte do ano. Geralmente ocupam os vales ou áreas planas acompanhando linhas de drenagem. Contudo, inferimos que o subsistema Vereda é um conjunto bem mais complexo, onde a vegetação mais próxima também é caracterizada em função dos processos hidromórficos.

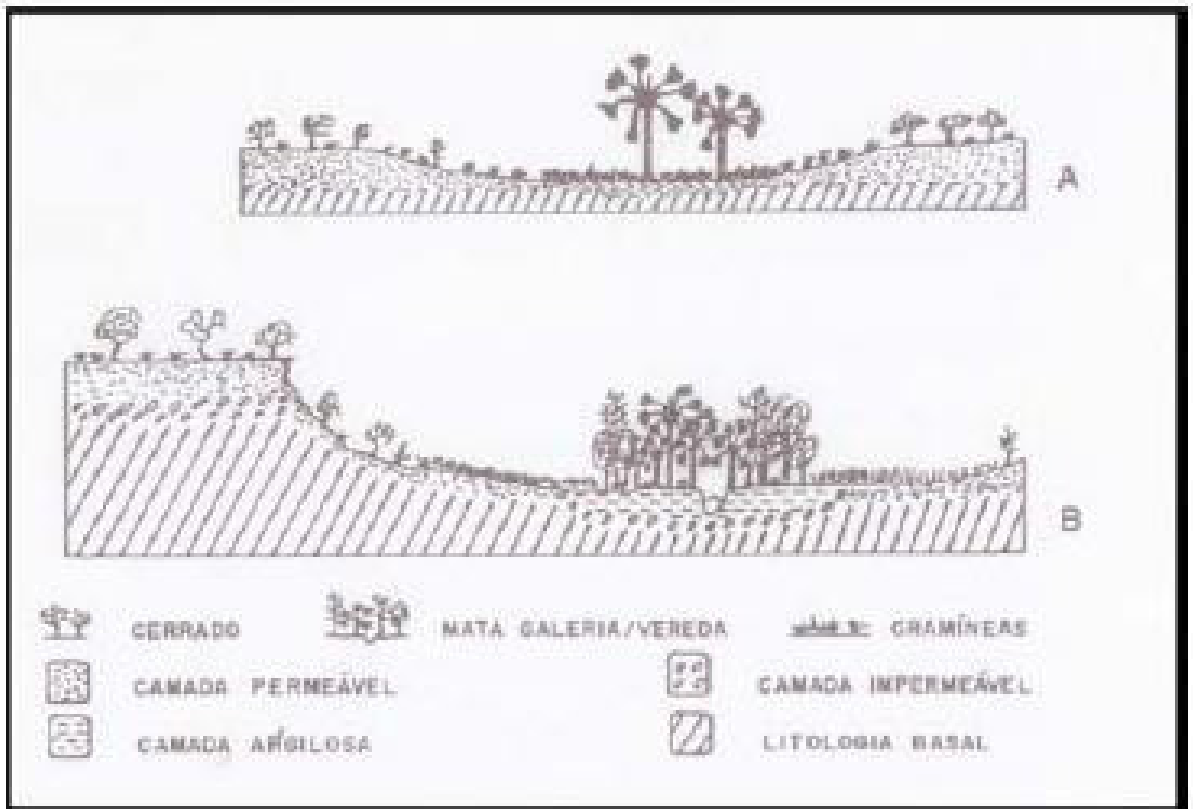


Fig.04: Cortes geomorfológicos de veredas.

Fonte: FERREIRA, 2003.

Na estudo realizado por Pereira (1943), observamos uma descrição do fenômeno de ressurgência das águas (fervedouro), o que na época fora tratado como algo comum, denominado apenas como “olho d’água”. Pereira (1943, p. 69), relata que “a força com que a água sai do solo é tão grande que, segundo nos informaram os guias, ninguém conseguiu até hoje, alcançar o fundo do poço, pois a força da água, que sobe, não permite, empurrando a todos, para cima”.

A população desta Região está dividida em três grupos: os citadinos cujas práticas sociais estão interligadas ao rural, uma vez que, para Bessa et al (2010), são centros com fluxos de rede urbana bem incipientes; habitantes rurais, que possuem forte relação com as áreas de preservação, fazem uso dos recursos naturais e manipulam de modo intenso o ambiente natural.

Por fim as comunidades tradicionais, sejam reconhecidas ou não; que, conforme Rodrigues e Fredrych (2013), são habitantes que chegaram antes da criação das reservas de proteção e que vivem intensamente a relação homem x natureza x homem. Estes tradicionais têm grande peso para o sucesso nos processos de conservação dos recursos e vivem há séculos apenas com o que a natureza disponibiliza, seja com artesanato fruto da coleta silvestre, nas culturas de subsistência ou no recente crescimento do turismo ecológico da Região.

Para o ICMBio (2011) os poucos recortes territoriais das áreas de cerrado, destinados à preservação ambiental, são decisivos para a permanência deste domínio em nossas paisagens naturais. Neste caso a Região do Jalapão possui papel

fundamental em função da quantidade e tamanho das áreas de proteção, as quais possuem gestão nos níveis estadual e federal. Formato que sugere a necessidade de um diálogo entre os gestores para a manutenção dessas reservas.

As unidades de conservação que compõem o conjunto de grandes recortes para preservação integral são: Área de Proteção Ambiental do Jalapão; Área de Proteção Ambiental Serra da Tabatinga; Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins; Parque Estadual do Jalapão e Parque Nacional das Nascentes do Rio Parnaíba.

O mosaico de áreas protegidas no Jalapão possui, segundo o ICMBio (2011), grande importância como gerador de recursos hídricos para redes de drenagem que, juntas, contribuem para abastecer cerca de 22,9% do território brasileiro, representado por três grandes bacias hidrográficas, são elas: a bacia hidrográfica Tocantins-Araguaia, a bacia do Rio São Francisco e a do Rio Parnaíba.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada bioma, domínio ou ecossistema tem características próprias e, em função destas, apresentam maior ou menor fragilidade frente às ações antrópicas. A área do Jalapão está inserida no bioma cerrado, o qual, conforme Coutinho (1993), pode ser considerado um sistema muito sensível a alterações que, mesmo não sendo intensas, podem provocar mudanças severas em sua fauna e flora. Contudo explorar os recursos naturais é condição de sobrevivência para a comunidade local, no entanto é fundamental que sejamos responsáveis pelo uso racional destes recursos, de maneira a não colocar em risco o equilíbrio da vida na Região.

Chagas (2008), em sua dissertação de mestrado, faz um diagnóstico da situação social, política e econômica da parte tocantinense do Jalapão, mas que pode ser estendida a toda ela. Sua pesquisa nos permite concluir que a Região do Jalapão apresenta índices de desenvolvimento social bem baixos, tais índices, em algumas comunidades, estão entre os piores do Brasil e, apesar de figurar como grande produtor agrícola, a população não tem absorvido os lucros desta atividade.

Alertamos ainda para a manutenção das discussões referentes à administração das reservas já implantadas, porém com maior participação dos moradores que, em alguns casos, habitam nestas reservas. Por ser uma sobreposição de mosaicos, considerando os elementos sociais e ambientais, é crucial que novos estudos na região sejam fomentados, dessa forma outras pesquisas contribuirão com informações mais precisas e, conseqüentemente, será possível realizar uma melhor caracterização da dinâmica socio-ambiental no Jalapão.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz, Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas.** – São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Contribuição à geomorfologia da área dos cerrados.** In Simpósio sobre o cerrado, pág. 117 a 124. Ed. USP.

BERTE, A. M. A., SUERTEGARAY, D. M. A. **Políticas de Florestamento em Áreas Degradadas: Areais do Sudoeste do Rio Grande do Sul.** In: 6º Encuentro de Geógrafos de América Latina, 1997, Buenos Aires: UBA, 1997. p.1-9.

BESSA, K.; CORADO, V. R.; FERREIRA, R. C. **A dinâmica recente do segmento de rede urbana no Tocantins: estudo de caso das principais centralidades.** In: XI Semana Acadêmica de Geografia, 2010, Porto Nacional. Anais. Porto Nacional: Curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins, 2010. v. 1. p. 225-240.

_____. **Reflexões sobre a dinâmica recente do segmento de rede urbana no Tocantins: novas centralidades e hierarquias.** In: III Simpósio do Nurba, 2010, Porto Nacional. Anais. Porto Nacional: Pote de Barro, 2010. v. 1. p. 519-537.

CHAGAS, R. P. **Políticas territoriais no Estado do Tocantins: um estudo de caso sobre o Jalapão.** Universidade de São Paulo: (Dissertação de Mestrado). USP: 2007.

COUTINHO, L. M. **O Cerrado e a Ecologia do Fogo.** Ciência Hoje, vol. 12, n. 68: 22- 30, Rio de Janeiro, 1990.

DIEGUES, A. C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada.** São Paulo, Hucitec, 1996.

FERREIRA, I. M. **O afogar das Veredas: uma análise comparativa espacial e temporal das Veredas do Chapadão de catalão (GO).** 2003. 242 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

ICMBio, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Mosaico e Corredores Ecológicos.** Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/o-que-fazemos/mosaicos-e-corredores-ecologicos>, acesso em 01/03/2013.

MENDES, L. R. **Aplicação de técnicas de geoprocessamento para análise geomorfológica do Parque Estadual do Jalapão (TO) e entorno.** 63 p., 288 mm, (UnB-IH-GEA-LSIE, Mestrado. Gestão Ambiental e Territorial, 2008).

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

PEREIRA, G. S. **Expedição ao divisor de águas Tocantins-São Francisco.** Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, Out/Dez. 1942, Ano IV. págs. 82-130.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. Fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S. M.;

ALMEIDA, S. P. **Cerrado: ambiente e flora.** Planaltina: EMBRAPA, 1998. p. 89-166. SANTOS, M. A. **Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: Edusp. 2002.

SANTOS, P. A. **A Utilização das Geotecnologias Para o Mapeamento e Análise Multitemporal da Cobertura Vegetal do Parque Estadual do Jalapão (PEJ) – Tocantins.** (Dissertação de Mestrado) Pós-graduação em Ciências do Meio Ambiente- Palmas, 2008.

SUERTEGARAY, D. M. A. **A Trajetória da Natureza, Um Estudo Geomorfológico Sobre os Arais de Quaraí/RS.** Tese de doutorado em Geografia (Geografia Física). Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1988.

SUERTEGARAY, D. M. A.; GUASSELLI, L. A.; VERDUM, R.; MEDEIROS, R. M.;

BELLANCA, E. T.; BERTE, A. M. A. Projeto Arenização no do Rio Grande do Sul Brasil: Gênese,

dinâmica e espacialização. In: **10º Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 2001, Foz do Iguaçu, PR**. Anais do 10º SBSR. Foz de Iguaçu: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2001.

TOCANTINS (Estado).Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente. Diretoria de Zoneamento Ecológico-Econômico. **Atlas do Tocantins: subsídios ao planejamento da gestão territorial**. Secretaria. Palmas: SEPLAN, 2012.

VON BEHR, Miguel. **Jalapão: Sertão das Águas** / [texto e fotos / text and photo] Miguel Von Behr; (texto inglês / English text Comtexto). — São José dos Campos, SP: Somos Editora, 2004.

RODRIGUES, W.; FREDRYCH, T. V..**O Dilema das Comunidades Tradicionais em Unidades de Conservação: O Caso da Comunidade Mumbuca no Parque Estadual do Jalapão (TO)**.Bol. Goia. Geogr. (Online). Goiânia, v. 33, n. 3, p. 63-79, set./dez. 2013. ISSN: 1984-8501.

SOBRE O ORGANIZADOR:

Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC-Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia - “Cinema, comunicação e regionalização” no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia - UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: No chão e na Educação: o MST e suas reformas (2011), Neoliberalismo, Agronegócio e a Luta Camponesa no Brasil (2011), Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem (2013), Agroecologia, Alimentação e Saúde (2014), Gestão Ambiental (2015), Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais (2016), Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais (2016), Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas (2017), Atlas de Conflitos na Amazônia (2017), Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa (2018), Conflitos e Convergências da Geografia - Volumes 1 e 2 (2019), Geografia Agrária (2019), entre outras publicações. E-mail: gustavo.cepholini@unimontes.br

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar 29, 30, 31, 32, 33, 34, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 56, 65, 66, 67, 144

Agrobiodiversidade 44, 46, 49, 50, 51, 52, 53

Águas termais 140, 141, 145, 146, 149

Análise espacial 69

Araraquara 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91

B

Brasil 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 20, 21, 27, 28, 30, 31, 32, 41, 42, 43, 50, 53, 54, 57, 58, 59, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 80, 81, 82, 84, 92, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 119, 123, 124, 126, 131, 139, 140, 147, 150, 151, 161, 163, 164, 165, 166, 171, 172, 174, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 193, 194

C

Campesinato 12, 15, 58

Cana-de-açúcar 75, 83, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 131

Capital financeiro 2, 4, 8, 11, 120, 140, 141, 147

Cerrado 14, 75, 80, 81, 140, 146, 163, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172

Cidades intermediárias 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123

Cidades locais 126

Commodities 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 73

Comunidades 27, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 129, 170, 171, 173

Comunidades tradicionais 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 170, 173

Currículo 174, 175, 178

D

Desenvolvimento 2, 4, 9, 10, 11, 14, 15, 29, 30, 32, 33, 37, 39, 41, 42, 43, 45, 59, 61, 67, 70, 71, 73, 74, 79, 83, 84, 85, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 110, 111, 112, 119, 122, 124, 126, 129, 131, 141, 144, 151, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 165, 171, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 187, 188, 191

Divisão territorial do trabalho 1, 2, 8, 10, 11, 109, 110

E

Ecologia 163, 172

Ensino de geografia 174, 175, 176, 178, 183, 186, 187, 192, 193, 194

Espaço 29, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 57, 58, 66, 74, 85, 89, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 111, 112, 113, 114, 119, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 139, 141, 147, 150, 158, 159, 164, 172, 179, 180, 187, 188, 189, 193

Espaço rural 29, 30, 34, 35, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 49, 53

Espaço urbano 39, 98, 99, 100, 103, 111, 114, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 139

Exportações 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Externalidades negativas 126, 132, 133, 139

F

Formação de professores 186, 187

G

Geografia escolar 174, 186, 187, 188, 192

Geoprocessamento 59, 83, 151, 154, 155, 159, 161, 172

H

Homogeneização 83, 84, 85, 86, 90, 92, 93

I

Irrigação 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81

L

Lineamentos 151, 154, 155, 156, 157, 159

M

Meio natural 140

Mobilidade urbana 117, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 138, 139

Modelado cárstico 151, 153, 154, 156, 158

Música 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193

N

Neurociência 174, 175, 176, 177, 178, 180, 183, 184, 185

P

Pivô central 69, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 80

Pluriatividade 29, 38, 40, 41

Práticas culturais 44, 47

Preservação 53, 69, 144, 163, 166, 170, 171

Q

Quilombolas 14, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 66

R

Raciocínio geográfico 174, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183

Recursos naturais 9, 31, 37, 49, 61, 67, 69, 72, 79, 80, 110, 141, 150, 164, 170, 171, 181

Reestruturas urbanas 106, 107, 108, 109, 111, 117, 119, 121

Remanescentes 39, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 67

Reprimarização 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 83, 86, 89

Resistências 27, 55

S

São Carlos 83, 84, 85, 87, 88, 89, 91, 92

Serra da Canastra 12, 13, 14, 21, 22, 25, 27, 28, 194

T

Território 9, 12, 13, 14, 15, 22, 25, 28, 38, 41, 42, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 56, 57, 58, 60, 61, 66, 71, 85, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 104, 105, 121, 122, 124, 140, 164, 166, 171, 189, 194

U

Unidade de conservação 12

Uso da água 16, 69, 72, 73, 78, 79, 80

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-653-9

